

NA TERRA SANTA DOS CRISTÃOS (CRÔNICAS DE VIAGEM)

R. Aristides Ribeiro

INTRODUÇÃO

No ano da graça de 1982, e mais precisamente, entre os dias 3 e 10 de outubro, eu e minha senhora, Flora Moraes Ribeiro, ao integrarmos um grupo excursionista composto de 46 brasileiros, desembarcávamos no aeroporto de Tel-Aviv, em Israel, com traslado imediato para Jerusalém, onde nos hospedamos no hotel Shalom.

Vínhamos de um contacto mais direto com culturas bastante diferentes da nossa, notadamente no Marrocos, no Egito e na Turquia, cujos aspectos de maior realce tive oportunidade de destacar em publicações esparsas, intituladas de *“Costumes exóticos em culturas diferentes”*.

UM ROTEIRO MAIS BÍBLICO...

O grupo turístico por nós integrado (“ARTE, CULTURA E BELEZA”) permaneceu em Israel durante sete dias, apenas.

Infelizmente, o período foi insuficiente para percorrer o itinerário previamente programado.

Entrementes, neste relato, não seguirei o roteiro traçado pela organização turística, que, para disciplina interna sua, associava, para o mesmo trajeto diário, os locais mais diversos com referência à cronologia dos acontecimentos evangélicos. Assim é que, dada a proximidade dos dois locais, visitou-se, na manhã do mesmo dia, Belém e o Santo Sepulcro, os dois limites, o começo e o fim de vida humana de Jesus Cristo.

Daí por que eu prefiro seguir roteiro mais “bíblico”, transitando, sucessivamente, pelas diversas etapas da existência terrena do Filho de Deus.

NAZARÉ

Portanto terei de iniciar o relato pela cidade onde residia a Virgem Maria à época em que o Anjo Gabriel lhe anunciou a Encarnação do Verbo.

Fui informado de que o nome da cidade teria-se originado — segundo antiga tradição cristã — do aspecto topográfico da região circunvizinha,

porquanto, ao redor do antigo burgo, as montanhas que o cercam lhe dão o aspecto de uma flor (que em hebraico é “nezer”) donde teria-se originado o nome de Nazaret.

Atualmente, aquele local, onde se sente a manifestação das coisas eternas, está ocupado por um conjunto arquitetônico integrado pela Basílica de Anunciação, o Convento Franciscano e a Igreja de São José, dentre outras dependências.

A BASÍLICA

A atual Basílica de Anunciação foi reedificada no mesmo local e com idênticas dimensões da antiga Igreja dos Cruzados. Dispõe de uma nave superior, muito artística (com afrescos, mosaicos, esculturas) e de uma Cripta, com característicos vestígios arqueológicos (de origem judaica e cristã) referentes aos quatro primeiros séculos. Ali são encontrados a Gruta da Anunciação, a casa apontada pela tradição como tendo servido de residência à Sagrada Família, além do local da “carpintaria de São José” (todos esses locais estão hoje transformados em Capelas).

NA GRUTA DA ANUNCIAÇÃO

Como não podia deixar de ser, na Cripta, o local de maior interesse é a Gruta da Anunciação, onde o “Verbo se fez Carne”. Ali se lê a sugestiva inscrição mural, em alto-relevo: *verbum caro hic factum est*”, enquanto, no piso, está o local exato onde a Virgem se encontrava ao declarar-se a Serva do Senhor, para que, em sua pessoa, se cumprisse a Vontade de Deus.

UMA FONTE DE TRADIÇÃO MILENAR

O roteiro oficial da excursão incluiu a visita à “Fonte” conhecida como “da Virgem Maria”, a qual seria a única remanescente da antiga cidade de Nazaré. Tratando-se, assim, de uma raridade histórica e arqueológica, os cristãos bizantinos procuraram protegê-la sob a Cripta da Igreja de São Gabriel, e aonde os peregrinos chegam através de uma escada lateral de pedra, *construída* ao tempo dos Cruzados.

Entretanto uma informação me despertou certa dúvida (aliás, em razão de a mesma ter por fundamento um dos Evangelhos apócrifos), a de que, ao lado da referida “Fonte”, se teria verificado um primeiro encontro do Arcanjo com a Virgem Maria. Ora, São Lucas, em seu Evangelho se refere a uma única mensagem de Gabriel a Maria Santíssima.

É incontestável, que, na cidade natal da Virgem Maria, sente-se aquela atmosfera de místico enlevo que se observa em Fátima, em Lourdes e em Guadalupe.

"BELÉM DE JUDÁ"

A cidade de Belém, igualmente conhecida como "Cidade de David", possui nome simbólico: em *árabe* significa "*casa da carne*"; em *hebraico* quer dizer "*Casa do pão*". Não quero referir-me aos episódios históricos e proféticos que conduziram José e Maria à cidade davídica, em obediência ao edito de Roma.

Os lugares santos de Belém (tal como aconteceu com inúmeras outras relíquias do Cristianismo — como teremos ocasião de nos reportar) nem sempre tiveram uma "história pacífica", como as pessoas que os visitam atualmente poderão ser induzidas a pensar...

Basta recordar (dentro de uma informação rápida mas bem característica) que tanto a Basílica da Natividade em Belém, quanto a Casa de São João Batista (Zacarias e Isabel) em Ain-karim e o próprio Sepulcro de Jesus Cristo foram, inicialmente, transformados em *templos pagãos* por ordem de Adriano, Imperador romano, no ano 135 (depois de Cristo) com a finalidade de extinguir o culto cristão, que se realizava naqueles como em outros locais sagrados. Assim é que, em Belém, foi construído um templo dedicado a Adonis, englobado a Gruta-Sagrada e o bosque circunvizinho.

No século IV, no entanto, por determinação de Constantino Magno e de sua mãe, Santa Helena, foi edificada no local a suntuosa Basílica da Natividade, a qual, alguns anos depois, foi danificada pelos pagãos, e novamente restaurada pelo Imperador Justiniano, no ano de 540.

OS REIS MAGOS "PROTEGEM" A BASÍLICA...

Existe até mesmo um curioso detalhe nessa tumultuada história da atual Basílica justiniana da Natividade. É que esse templo somente se salvou de outra destruição, por ocasião da invasão persa, na Palestina, em 614, porque no pórtico de sua entrada estavam representados os três *Reis Magos* com trajes persas...

Desta sorte, e mais uma vez, os Magos evitam a destruição dos monumentos sagrados de Belém, da mesma forma como na Noite Maravilhosa evitaram a aproximação do rei Herodes.

A BASÍLICA DA NATIVIDADE

A atual Basílica da Natividade está dividida em três setores diferentes, cada um com seu campanário: o setor dos armênios ortodoxos, à direita de quem entra; o dos gregos ortodoxos, no centro; e o dos latinos, à esquerda, entregue aos franciscanos. Outrora o ingresso no templo se fazia pela "esplanada justiniana" através de três portas monumentais. Entretanto, posteriormente, as entradas da Basílica foram sendo reduzidas nas suas dimensões, a partir da época das Cruzadas. E mais tarde, na época turca, as

comunidades cristãs concordaram em reduzir mais o acesso para impedir que os turcos introduzissem seus cavalos dentro do templo.

A NAVE SUPERIOR

O interior da parte superior da Basílica justiniana dispõe de colunata da época constantiniana, com decorações realizadas pelos Cruzados. As paredes laterais e do presbitério, originariamente decoradas por esplêndidos mosaicos, estão hoje reduzidas a simples fragmentos. Na parede da direita vê-se a genealogia de Cristo. À esquerda há a referência aos Concílios Ecumênicos que definiram os dogmas relacionados com a Pessoa de Cristo. O Presbitério guarda os murais sobre a Ascensão e a entrada solene de Cristo em Jerusalém.

NA CRIPTA DA BASÍLICA

A Cripta guarda, envoltos na mais destacada e compreensível demonstração de veneração, dentro da Gruta da Natividade, três locais sagrados para os cristãos. Além daquele em que nasceu Jesus Cristo, encontra-se, à direita, o Altar dos Reis Magos, onde estes se prostraram em adoração, e do outro, o Altar do Presépio, onde foi reclinado o Divino Infante.

Como é sabido (mesmo por aqueles que ainda não foram a Belém) uma grande *Estrela de Prata*, no chão, abaixo do Altar frontal da Gruta da Natividade, indica o LOCAL EXATO onde nasceu N. S. Jesus Cristo. O mencionado Altar pertence ao rito grego ortodoxo (com o seu lampadário característico), mas a inscrição na *Estrela* é latina e diz: "*Aqui, da Virgem Maria, nasceu Jesus Cristo*".

OUTRAS LEMBRANÇAS VENERANDAS

São Jerônimo — Ao lado da Basílica e da Gruta da Natividade, mantendo, porém, com as mesmas comunicações subterrâneas diretas, encontra-se a Gruta de São Jerônimo (na Cripta do Convento Franciscano de Santa Catarina), onde aquele extraordinário Doutor da Igreja, viveu, à semelhança dos eremitas, onde se entregou ao estudo das Sagradas Escrituras, onde morreu e foi sepultado. Seu túmulo está encimado por sua estátua, em tamanho quase natural, sustendo, em uma das mãos, a *Bíblia*, e na outra, a *pena*, os símbolos de sua principal atividade, e vendo-se ao lado a célebre "*caveira humana*", o objeto de sua meditação.

Foi com grande emoção, que li a placa indicativa de que, naquela gruta, São Jerônimo havia realizado a célebre "*Tradução da Vulgata*", de capital importância para os estudos da Sagrada Escritura.

Para aqueles que desconhecem esse acontecimento histórico esclareço que esse Santo Doutor, sendo exímio conhecedor das línguas orientais,

inclusive do *sânscrito*, *assírio-babilônico*, *persa*, *hebraico antigo*, *aramaico*, *grego antigo*, foi quem realizou, no ano de 384, a tradução do antigo Testamento para o *latim*, então a língua falada em quase todo o Império Romano, pelo próprio povo, donde a denominação de “vulgata” (a linguagem do povo, do “vulgo”).

A IGREJA DOS PASTORES

A pequena distância da Basílica da Natividade encontra-se a Igreja dos Pastores (também conhecida como do “Gloria in excelsis Deo”), reconstruída sobre as antigas ruínas de uma outra que fora anexa a um mosteiro do século IV.

Arquiteticamente, a atual Igreja dos Pastores tem a forma de uma “tenda nômade”, está localizada a leste de Belém, em uma Planície denominada, pela tradição, de “Campos de Ruth e de Booz” antepassados do rei David, de cuja família proveio Jesus. Ao visitarmos o mencionado templo nos deparamos com uma Missa celebrada por um sacerdote japonês.

OS RELATOS SOBRE JESUS CRISTO

O que os cristãos sabem de certeza sobre Jesus Cristo é, fundamentalmente, o que foi descrito pelos Evangelistas, notadamente por São Lucas, nos anos 62 ou 65, o evangelista que colheu na tradição do primeiro século os maiores detalhes sobre a infância do Salvador.

Convém esclarecer que os Evangelistas escreveram seus Evangelhos, posto que em locais diferentes, o fizeram mais ou menos na mesma época e antes do ano 70, quando se deu a destruição de Jerusalém por Tito, então general romano.

Assim, São Mateus redigiu, em língua hebraica, o seu relato messiânico, provavelmente na Judéia, tendo como objetivo principal a conversão dos judeus; São Marcos, discípulo de São Pedro, escreveu em grego, possivelmente em Alexandria, onde foi martirizado, e se destinava aos pagãos convertidos e particularmente aos romanos; São Lucas, discípulo de São Paulo, redigiu seu Evangelho, possivelmente em Roma, no ano 62 ou 63 e tinha por finalidade converter os pagãos, além de chamar à Fé os judeus empedernidos; São João escreveu o seu Evangelho em Éfeso (Ásia Menor), no ano 67, tendo como finalidade principal provar a Divindade de Jesus Cristo.

O NOME E OS SÍMBOLOS DO SALVADOR

Entro nestes detalhes porque reconheço que muitos cristãos os desconhecem.

O nome "JESUS" vem do hebraico — IESCHUACH — e significa "Messias", o Enviado.

O símbolo secreto ou sinal de Jesus Cristo, entre os primeiros cristãos, era o "PEIXE". Usavam-no para escaparem às perseguições. Adotaram-no, porque a palavra grega — "ICHTHYS" — que significa "PEIXE", era formada pela *sigla* de: I (Jesus); CH (Cristós); TH (Theos Deus); e Y (Yós Filho). Assim, "ICHTHYS", resumia a expressão: "JESUS CRISTO, FILHO DE DEUS".

O BATISMO DE CRISTO

O episódio marcante da vida de N. S. Jesus Cristo, através do qual ele encerra a sua vida privada, ao mesmo tempo em que inicia sua vida pública, é o seu Batismo, recebido das mãos de João, o Precursor.

Não é fácil compreender as razões profundas desse misterioso acontecimento. Por que a Segunda Pessoa da SS. Trindade necessitaria batizar-se? Devido à condição de Sua Natureza Humana? Para dar o bom exemplo e prestigiar a missão salvífica de João Batista? Ou a fim de que, naquele momento solene, se fizesse a primeira manifestação do mistério da SS. Trindade? Seja como for, não nos cabe, na condição de inteligência criada (limitada, portanto) pretender equiparar-nos à Inteligência Criadora, com a possibilidade de compreender, na sua complexidade, os Mistérios revelados, por quem não se engana e nem pode enganar-nos.

RÁPIDA DIGRESSÃO: OS "MISTÉRIOS" DA CIÊNCIA...

Aproveitando a oportunidade, lembramos que, a cada instante, nos deparamos com fenômenos naturais que, até hoje e apesar do fantástico desenvolvimento científico, continuam como insuperáveis desafios, permanecem autênticos "mistérios" e, para cuja compreensão íntima, a Ciência apenas formula "hipóteses" e "teorias", que se sucedem, segundo as conveniências do momento! E, aproveitando a "deixa", indaguemos: qual a *essência* mesmo da *luz solar* ou da *energia elétrica*? Afinal, a luz solar é constituída pela emissão de "fotônios" (teoria corpuscular), ou é formada apenas por *ondas eletromagnéticas*, ou pelas duas teorias, concomitantemente? E quem já deu a última e definitiva palavra sobre a *natureza íntima* da eletricidade estática ou da dinâmica? E como essas teorias se comportam ante à relatividade einsteiniana? E os "mistérios" encontrados na Genética, na Fisiologia e em todos os ramos da Biologia? — Encerrado o parêntese).

LOCAIS "SAGRADOS" PELA TRADIÇÃO

Quando visitamos o Mar Morto, o "guia" local nos mostrou as célebres "Grutas de Khibert-Qumham", onde, a partir do segundo século

antes de Cristo até o segundo século depois, se recolhia a comunidade judaica dos Essênios. Ali viveu também João Batista quando se preparava para sua missão de Precursor do Messias. Ali foram encontrados, recentemente, importantíssimos papiros referentes às Profecias Messiânicas do Antigo Testamento.

Um outro trecho igualmente *sagrado pela tradição* se refere ao possível local onde teria ocorrido o Batismo de Jesus Cristo. Em um deles, a Igreja Ortodoxa Grega rememora, anualmente, a Festa do Batismo, através de cerimonial apropriado.

Interessa, na oportunidade, esclarecer aos leitores que há diferença entre o batismo de João Batista, e o outro, instituído por Jesus Cristo: o do Precursor era símbolo de penitência e de perdão de Deus; ao passo que o Sacramento instituído por Jesus Cristo apaga os pecados da alma e abre ao cristão a vida da Graça. João Batista desenvolvia sua pregação nas proximidades de Betânia da Transjordânia, do lado oriental do rio Jordão (não confundir com a Betânia de Lázaro, Marta e Maria), até que foi preso e posteriormente degolado por ordem de Herodes Antipas, em atendimento a pedido de sua amásia e cunhada, Herodíades.

O MONTE DAS TENTAÇÕES

Neste relato — consoante já foi esclarecido — procuramos seguir, no que for possível, as pegadas dos Evangelistas, os quais nos dizem que N. S. Jesus Cristo, ao iniciar sua vida pública, se retirou para o deserto, onde orou e jejuou durante quarenta dias.

No trajeto vencido entre Jerusalém e Jericó, o nosso transporte fez ligeira parada defronte do “*Monte da Quarentena*” também conhecido como “*das tentações*”.

Ali Deus permitiu que a Natureza Humana de Cristo sofresse as tentações da ambição, da gula e do orgulho. Há, na verdade, profundo mistério referente a essa audácia do tentador!

JERICÓ

Com referência a Jericó, faz-se necessário salientar alguns detalhes sobre esse oásis de vergel no meio do deserto, considerada a *cidade-símbolo* do desenvolvimento agrícola do povo israelita, porque ali se produz simplesmente TUDO (com maiúscula).

Fomos seguramente informados de que Jericó mantém ativo comércio de exportação de frutos e flores para a Europa.

A atração turística da cidade, no entanto, é a “Fonte de Eliseu”, cujas águas de salgadas tornaram-se doces ou potáveis e abastecem a cidade. A pequena distância de Jericó encontram-se os restos das antigas muralhas arrasadas sob o clangor das “trombetas de Josué”.

Talvez devido ao conhecido episódio bíblico, não só o “guia” turístico local, mas o próprio roteiro oficial de “Jerusalém-Tours”, qualificam Jericó como sendo “a cidade mais antiga do mundo”.

Evidentemente, não se pode contestar de plano uma afirmação deste tipo. Entretanto, a mesma assertiva deve ser lançada naquela conhecida *faixa-de-exaltação* tão comum nos excessos de entusiasmo dos “guias” locais, os quais costumam superestimar a “excelência” da própria cidade... Quem viaja se depara com esses extravasamentos de entusiasmo conducentes a considerar as curiosidades ou peculiaridades locais como “as maiores do mundo”. (Foi assim que, ao visitarmos o famoso Estádio Olímpico de Berlim Ocidental, o “guia” local o apontou logo como o “maior campo de futebol do mundo”. De imediato eu o corriji, alegando que “o maior campo e futebol do mundo” era o Maracanã, do Rio, ao que ele me respondeu apenas com um sorriso e um gesto de confirmação. Fecha o parêntese).

CANÁ DA GALILÉIA

Após a vocação dos primeiros discípulos (Simão Pedro, seu irmão André, Filipe e Natanael, todos de Betzaida), o episódio marcante desse início da Missão de Jesus foi o Milagre de Caná, cidade vizinha de Nazaré.

Caná, segundo o Pe. Antônio Vieira (o de Portugal), teria significação múltipla para a missão de Cristo, dentre a qual se destacam a importância do casamento como instituição familiar e de decisiva interferência de Maria Santíssima junto a seu Filho, porquanto, a seu pedido, Nosso Senhor foi levado a antecipar-se na sua missão. Jesus Cristo, mesmo alegando que “não havia chegado a sua hora”, assim mesmo, por solicitação de sua Mãe, produziu o seu primeiro milagre em Caná.

Na Cripta da igreja (templo ortodoxo) existe uma talha ou jarra de pedra, destinada às abluções rituais, semelhante às do tempo de Jesus Cristo. Na parede lê-se a inscrição latina: “Implete hydras aqua” (Encha as talhas com água).

NA SINAGOGA DE NAZARÉ

Os Evangelistas sinóticos narram que, após iniciada sua pregação pública, ensinando através da parábola (a do Semeador, a do joio e do trigo, a do fermento-na-massa, a do tesouro e da pérola, a da casa-sobre-a-rocha, e tantos outros símbolos do Reino dos Céus) e realizando memoráveis milagres (a cura do servo do Centurião, a ressurreição do jovem-de-Naim, a libertação do possesso de Gerasa, a ressurreição da filha de Jairo, a cura dos cegos de nascença e tantos outros), Jesus Cristo voltou a Nazaré e entrou na sinagoga, onde já estivera inúmeras vezes, pois se criara na cidade, onde todos o conheciam. Aquele era um momento solene, quando

Ele passou a ler a passagem do Profeta Isaías, que lhe dizia respeito: “*O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu: mandou-me dar a boa-nova aos pobres...* (etc.)” E continua o Evangelista: “Tendo fechado o livro (...) começou então a dizer-lhes: “*hoje cumpriu-se essa Escritura que acabais de ouvir.*” Tal revelação provocou tamanha insatisfação entre aquelas pessoas, (que conheciam a Jesus apenas como o filho do carpinteiro José)” a ponto de terminarem por expulsá-lo da cidade.

Quero fazer referência especial a esse local sagrado, assinalado dentro do templo hoje edificado sobre o lugar outrora ocupado pela sinagoga, onde Jesus Cristo se atribuiu a função do Messias Prometido.

A passagem evangélica é de uma importância fundamental, especialmente nesta época de “releituras” e de contestações dos textos sagrados por certa malta de *heresiarcas* encapuçados, que têm o desplante de afirmar, em seus livros, que N. S. Jesus Cristo não tinha consciência de que fosse o Messias.

Com certeza essa passagem dos Evangelhos sinóticos foi também cancelada (como o fizeram com tantas outras), considerada “*acréscimo dos copistas*” ou “interpolação das comunidades primitivas”, dentre outros herejes, por esse “Fr.” Leonardo Boff, a fim de que ele possa continuar a escrever, em suas obras deletérias, que *N. S. Jesus Cristo não sabia que era o Messias...* havendo inclusive, morrido praticamente à força porque o Pai Eterno não apareceu para salvá-lo à última hora... Quem defende “doutrina” desse tipo, não apenas “reduz”, mas “*liquida*” com a Divindade de Cristo...

TIBERÍADES E CAFARNAUM

Expulso de sua cidade natal, “porque ninguém é bom profeta em sua terra”, Jesus se fixou em Cafarnaum, tendo por cenário de sua missão a região que circunda o lago de Tiberíades (também conhecido como de Genesaré, ou “Mar da Galiléia”). Os Evangelhos nos falam constantemente da peregrinação do Salvador entre as populações de Cafarnaum, Magdala, Tabgha, Corazin, Betânia, Nain, Genezaré e outras comunidades, na margem ocidental do lago; e Gerasa, Betânia da Transjordânia, Betsaida, Cesaréia de Felipe, na margem oriental. O lago de Tiberíades, que é atravessado pelo Rio Jordão, dispõe de área pequena, pois possui apenas cerca de 25 km, de comprimento, por, aproximadamente, 13 km na maior largura. (Aliás, da “*terrasse*” do hotel “Golan”, em Tiberíades, obtém-se visão panorâmica inesquecível do lago, notadamente se observado à noite). Cumpre esclarecer que não há grandes diferenças entre as atuais e antigas denominações e grafias desses locais referidos pelos Evangelhos, hoje conhecidos como Kfar-Nahum, Migdal, Bet-Saida, Korazin, Tiberias, etc., por nós visitados.

Quanto a Tiberíades, sabe-se que a cidade foi fundada por Herodes Antipas, em honra a Tibério. No ano 18 depois de Cristo, “aquela raposa de Herodes” elevou a cidade à condição de capital de sua tetrarquia e fixou lá sua residência oficial. Não há indício de que Jesus tenha realizado pregações nesta cidade.

Em Cafarnaum encontram-se as ruínas da sinagoga onde Jesus Cristo passou a pregar, havendo ali proferido, dentre muito outros, o célebre discurso do “Pão da Vida”: “Eu sou o Pão da Vida. Quem vier a mim não terá mais fome (...) Porque o Pão de Deus é aquele que desceu do Céu”, referindo-se a Ele próprio. O local permanece em ruínas porque pertence ao governo israelense.

Próximo ao local dessa sinagoga encontram-se outras ruínas, as da Casa de São Pedro, onde Cristo realizou a cura miraculosa da sogra do Apóstolo. Ambos os locais são veneráveis e incluídos no roteiro das peregrinações.

OUTROS LOCAIS IGUALMENTE SAGRADOS

A *Basílica das Bem-aventuranças* assinala o local onde Jesus Cristo proferiu o sermão das doze Bem-aventuranças. Situado a noroeste de Cafarnaum, o templo é de construção moderna, contendo ampla e acolhedora cúpula. Narram os Evangelistas sinóticos, que numerosa multidão vinda de toda a Judéia, de Tiro e de Sidônia procurava a Jesus, uns para ouvi-lo e outros para serem curados de suas enfermidades. “A turba procurava tocar nele, porque dele emanava um poder que curava a todos.” Então Jesus fez a multidão sentar-se naquela esplanada, e lhe comunicou as doze Bem-aventuranças, das quais a primeira dizia respeito “aos pobres de espírito, porque deles é o reino dos Céus.”

A *Igreja da Multiplicação os Pães e Peixes* é do rito bizantino. Contém diversas decorações e murais relembrando o milagre realizado por Jesus (misereor super turbam), ao verificar que toda aquela gente que o procurava sentia fome.

Nesta mesma região, ao sul de Cafarnaum (em Tebgha) foi edificada a Igreja do Primado, em cujo interior, à frente do altar, se encontra a “Pedra Sagrada”, testemunha da entrega das Chaves do Reino a Pedro, o primeiro Papa, e a seus sucessores. O episódio é narrado pelo Evangelista João: “Contristou-se Pedro porque Jesus lhe perguntara pela terceira vez: Tu me amas? E respondeu-lhe: “Senhor, tu sabes tudo: tu conheces que eu te amo. Jesus lhe diz: Apascenta os meus cordeiros e minhas ovelhas.” (Jo. 21.1.14).

Naquela maneira solene, após o tríplice juramento do Apóstolo, Jesus Cristo lhe conferiu a Suprema Autoridade sobre sua Igreja, antes de voltar ao Pai. Era a confirmação da promessa do Primado, anteriormente feita, quando São Pedro foi assemelhado àquela “*Pedra, sobre a qual Ele edifica-*

ria a sua Igreja. ” (Nesta oportunidade, abro outro parêntese para profligar mais outra heresia do “Fr.” Leonardo Boff, que, em um de seus últimos livros — “Eclesiogênese” — escreve (com aquela afoiteza digna de um renegado) que *Jesus Cristo nunca pensou em fundar Igreja nenhuma*. Boff e sua “patota” são de opinião que a Igreja Católica e Apostólica foi fundada pelos Discípulos de Cristo, que, assim, teriam formado a primeira “Comunidade Eclesial de Base”...

Daí por que Boff “não-dá-a-mínima”; nem para a Cúria Romana e nem para o Papa... Reconheça-se que Lutero foi mais coerente. Caiu fora, mas não ficou *infernizando* a vida de muita gente de boa-fé, que “não sabe mais em quem acreditar”.

BETÂNIA DE LÁZARO

Quem visita os lugares santificados pelas recordações de Jesus Cristo, e o faz com espírito de fé, colhe excelentes motivações à vista daqueles veneráveis monumentos seculares.

Antes de ingressarmos em Jerusalém, cumpre-nos relatar, de maneira mais detalhada, a visita à cidade de Betânia, que lhe fica próximo.

Na vertente do Monte das Oliveiras, distando cerca de cinco quilômetros de Jerusalém, localiza-se Betânia, a cidade onde residiam os amigos de Jesus Cristo: os irmãos Lázaro, Marta e Maria, e onde se verificou o grande milagre da Ressurreição de Lázaro, morto há quatro dias.

O interior do Santuário de Lázaro possui a forma de mausoléu funerário. Os altares imitam sarcófagos. Essa nova igreja é a quarta construída e terminada em 1954. As paredes laterais estão ornadas com “afrescos” relacionados com diversos episódios referidos nos Evangelhos, entre Cristo e aquela família de amigos seus.

O túmulo, na cripta do Santuário, é um dos momentos mais veneráveis e antigos, no qual se ingressa por uma porta lateral, na parte posterior do templo, após descer-se por uma escada de pedra, extensa e meio íngreme. *A importância do local* está, precisamente, na forma *natural e rústica* como se apresenta aos visitantes.

A PISCINA DE SILOÉ

Essa piscina (Siloé significa: o Enviado) é alimentada pelas águas da Fonte de Gihon (Sion — igualmente incluída em todos os roteiros da excursão), em razão do destaque que essa fonte possui na história da cidade de Jerusalém. Junto a essa fonte de Sion, por exemplo, foi sagrado o rei Salomão, construtor do antigo Templo. Posteriormente o rei Ezequias (Cf. 2º Reis, 20, 20) construiu o aqueduto subterrâneo que conduz suas águas até a piscina, principal abastecedora de uma cidade, que não possuía, na época, fartos mananciais. Foi à beira desta piscina que o cego de

nascença recebeu a visão. É o Evangelista João quem narra o episódio: "Passando Jesus, viu um homem cego de nascimento". Estabelecendo-se certa discussão entre os discípulos, perguntaram eles a Jesus, porque a quele homem nascera cego, se a culpa era dos pais, ou da própria vítima da cegueira. Jesus lhes respondeu que ninguém era culpado, entretanto aquele homem ali estava para que nele se manifestassem as obras de Deus. Ato contínuo, fez um pouco de "lodo" com saliva e terra, aplicou-o nos olhos do cego e mandou que ele os lavasse na água da piscina. Atendida a recomendação, o homem voltou enxergando. O prodígio impressionou a muitos que o haviam presenciado, mas decepcionou os fariseus, que no milagre não acreditaram...

A PISCINA PROBÁTICA

Narra o Evangelista João (Cap. 5, vers. 1 e seg.) que havia em Jerusalém uma piscina chamada Probática ou de Betesda, para cuja construção foram erigidos cinco pórticos. Acreditavam os judeus que a água daquela piscina se tornava miraculosa, curando qualquer enfermidade, entretanto beneficiava somente a primeira pessoa que nela mergulhasse ou se banhasse, imediatamente após suas águas terem sido agitadas por um Anjo do Senhor, o que acontecia em determinadas ocasiões.

Aconteceu, porém, que passando Jesus nas proximidades da piscina, onde se encontrava a multidão de enfermos, havia entre eles um homem que, há trinta e oito anos, aguardava a oportunidade para que alguém, apiedando-se dele, o conduzisse à piscina.

Aproximando-se daquele enfermo, Nosso Senhor lhe perguntou se ele queria ficar curado, o qual, havendo-lhe respondido afirmativamente, entretanto se queixou de que ninguém até então o auxiliara a chegar às águas da piscina.

Imediatamente, Jesus se prontifica a auxiliá-lo e lhe diz apenas que "se levantasse tomasse o seu leito e andasse..." Realizando o milagre, sucederam-se a estupefação e as discussões relacionadas com o acontecimento.

Naquele local (atualmente parte em ruínas) foi construída suntuosa Basílica posteriormente destruída pelos persas. Reedificada em proporções reduzidas, a atual igreja da Piscina Probática, deixou ao lado vestígios arqueológicos da antiga construção judaica, porquanto atualmente encontram-se desenterrados até mesmo os "cinco pórticos" de que falou São João, o que fornece mais uma prova da autenticidade dos informes evangélicos.

Quanto às "virtudes" curativas da antiga piscina, diz-se hoje que suas águas eram alcalinas e medicinais. Entretanto, é possível que tenha acontecido algum fato extraordinário relacionado com aquelas águas, de maneira a levar o povo a crer que houvesse intervenção divina. Evidentemente, São João relata os informes de tradição colhida entre os primeiros cristãos e antigos seguidores da Lei Mosaica.

JERUSALÉM: O ESPAÇO FÍSICO

A moderna Jerusalém cobre vasta área de terreno acidentado, dominada por vales e colinas que se sucedem. Do hotel "*Ramade Shalon*", na periferia oeste da cidade, edificado em local bastante elevado, o olhar do visitante se espraia por aquele tumultuar de elevações e depressões de muralhas e de valados, de cúpulas e de minaretes, que se perdem no horizonte. As construções modernas da cidade são de rocha talhada. Aquelas pedras — segundo informações fidedignas — possuem a propriedade de *aquecer* no inverno e *resfriar* no verão. Graças à textura especial na sua formação mineral, são aquelas rochas mal condutoras do calor.

Um detalhe que chama à atenção do visitante: grande número de residências dispõe de "espelhos" no teto, destinados ao aquecimento pela energia solar, providência que coloca o judeu na vanguarda da utilização da *única energia do futuro*, quando as demais estiveram esgotadas.

A HISTÓRIA PROFANA ATESTA A AUTENTICIDADE DA NARRAÇÃO BÍBLICA

Jerusalém havia sido destruída no ano de 587 antes de Cristo, por Nabucodonosor II, rei da Babilônia, para onde os judeus foram exilados. Libertados por Ciro, rei dos Persas, 70 anos depois, os judeus voltaram à região dos antigos e destroçados reinos de Judá e de Israel, e iniciaram a reconstrução da cidade e da região.

Não interessa a este relato trazer à lembrança dos leitores todas as vicissitudes por que passou o sofrido povo judeu; entretanto sabe-se que já no ano 63 antes de Cristo, Pompeu, general romano (integrante do primeiro *triumvirato*, ao lado de César e de Cássio), incorporava a Palestina ao então surgente e poderoso Império Romano, que deveria atravessar alguns séculos de existência.

Entrementes, os judeus, mesmo sob o domínio de Roma, procuraram tirar proveito da tradicional capacidade romana para amoldar-se às peculiaridades das regiões que se anexavam ao Império. A História reconhece na dominação romana essa espécie de "plasticidade política", graças à qual eles conseguiram manter, por muito tempo, sob seu domínio, tão variada *miscelânea* de povos e de raças. E foi assim que os judeus conseguiram, através de Herodes (o "Grande"), restaurar o "reino de Judá" no ano 37 antes de Cristo. Roma concedia a Herodes certa independência administrativa, entretanto, politicamente, o reino israelita deveria submeter-se à autoridade do Imperador. Neste tocante, estão de acordo com a história profana (Flávio Josefo, Suetônio, Tácito), as pesquisas arqueológicas, os dados do Novo Testamento, e, até mesmo, os Evangelhos apócrifos.

A JERUSALÉM ANTIGA

Torna-se evidente que, para o presente relato, a parte da atual capital de Israel a nos interessar é a chamada "*Cidade Antiga*", circundada por elevada muralha, além de seus arredores, notadamente: o Monte das Oliveiras, a nordeste; a Cidade de David, a leste; e o Monte Sion, ao sul, que poderíamos chamar de "bairros" extramuros.

A "Cidade Antiga" representa apenas cerca de um vigésimo (1/20) da área ocupada pela Jerusalém moderna, que conta, aproximadamente, com meio milhão de habitantes.

As muralhas desse reduto antigo se abrem para as comunicações com a nova Jerusalém através das conhecidas "Portas", dentre as quais se destacam: a *Porta Dourada*, a de *Sion* ou de *David*, a de *Jaffa* ou de Hebron, a de *Herodes* ou da Vigilância, a de *Damasco* ou da Coluna e a do *Getsêmani* ou dos Leões.

Antes de nos reportar aos monumentos mais veneráveis do antigo núcleo citadino, cumpre apreciar, mesmo de forma sintética, as regiões extramuros acima indicadas.

1 — O MONTE DAS OLIVEIRAS

Trata-se de modesta elevação, a nordeste da "Cidade Antiga", com quem se comunica, através da Porta Dourada e da Porta dos Leões, ou Getsêmani. Ali se abrem, à veneração dos fiéis, a Basílica da Agonia, no Getsêmani, a Igreja que guarda o Túmulo de Maria Santíssima, a de Santa Maria Madalena, a capela da Ascensão e a Igreja do Padre-Nosso.

A BASÍLICA DA AGONIA, no jardim de Getsêmani, em estilo romano, é muito artística, decorada com quadros murais e mosaicos, que recordam as passagens evangélicas: a agonia de Jesus ("Pai, se possível, afasta de mim este cálice"...), o consolo do Anjo, o beijo de Judas, a "interferência" enérgica de Pedro e a prisão do Salvador. No jardim ao lado encontram-se diversas oliveiras antiquíssimas, as quais, de acordo com a tradição, são ainda contemporâneas de Cristo. Na verdade o simples aspecto externo daqueles troncos atarracados, meio carcomidos e retorcidos dão-nos motivos para acreditar nessa informação aceita sem contestação. Defronte do altar-mor da Basílica de Getsêmani, a pequena distância do estrado e protegida por uma artística coroa de espinhos de metal, encontra-se a Rocha sobre a qual Nosso Senhor rezou e suou sangue na noite da agonia. (Essa pedra possui cerca de 2,50 m de comprimento, por 1,50 de largura).

Na cripta da Basílica encontra-se a Gruta da Captura de Jesus, em cuja abóbada aparece a inscrição em latim: "... e seu suor caía como gotas de sangue". Próximo se encontra o mosteiro de Santo Onofre, no local

chamado "Aceldama" (Campo do Sangue) onde Judas, após devolver as trinta moedas de prata, foi enforcar-se.

O TÚMULO DE NOSSA SENHORA, na cripta da Igreja do mesmo nome, foi localizado o desobstruído, faz poucos anos, graças a indicações de cunho arqueológico apontadas por um dos evangelhos apócrifos. Diversos peregrinos companheiros nossos, fizeram suas orações dentro do próprio nicho, onde foi depositado o corpo da Virgem Maria, consoante a tradição católica. Ali se encontra uma fotografia, bastante expressiva, do interior do nicho, tal como foi encontrado após a retirada dos aluviões que ocultavam. O interior da nave superior do templo e os altares são decorados com mosaicos e pinturas fixando as últimas ocorrências sobre a vida de Maria Santíssima.

A CAPELA DA ASCENSÃO resulta da restauração parcial, pelos Cruzados, do que restara da antiga Basílica ali edificada no século IV. Apenas uma Capela de forma ortogonal recorda o sagrado lugar onde Jesus Cristo transmitiu a seus Discípulos as últimas recomendações, inclusive, lhes dizendo: "Todo o Poder foi-me dado no Céu e na Terra. Ide e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo quanto eu vos mandei". (Mais uma vez recordo que o famoso "Fr." Leonardo Boff, seguindo a trilha tortuosa de Pe. Schillebeeckx e de outros "algébricos" contestadores, diz que essa perícopa evangélica é interpolação, acréscimo dos escritores sagrados...).

Outrossim: no interior da Capela encontra-se, com o devido destaque (inclusive iluminada a velas) uma *pedra*, na qual "a piedosa imaginação dos peregrinos vê a pegada de um pé que se eleva"...

A IGREJA DO "PADRE NOSSO" apresenta como característica de maior destaque, a oração do "Pai Nosso" escrita em 64 (sessenta e quatro) línguas, inclusive em caracteres orientais. São murais em azulejo com moldura de cerca de 2x2 metros, e letras em cores visíveis a distância. O mural do "Pai Nosso" em língua portuguesa deve ter sido escrito há muitos anos, poquanto o PAY está grafado com Y, indicando a época *quinhentista* de literatura portuguesa, ou mesmo da *provençal*, da era proto-histórica dos jograis e trovadores portugueses.

2 — O MONTE SIÃO E A CIDADE DE DAVID

Ao sul do Monte das Oliveiras encontram-se a Cidade de David e, logo em seguida, o Monte Sião, os quais se comunicam com a Cidade Antiga (murada) pela "Porta de David" e pela "dos dejectos". (Essa "porta" ainda conserva esse nome porque fica próxima ao local onde eram lançados as vísceras e restos dos animais conduzidos ao sacrifício no antigo Templo).

Na “Cidade de David” foi-nos mostrada a Igreja de São Pedro “*in-Gallicantu*”. Entretanto, aquele não é o local onde o Apóstolo negou a Cristo por três vezes, antes que o galo cantasse, pois o aludido episódio (da negação) se verificou no pátio externo do palácio de Caifás. E nem haveria lógica para que se comemorasse a “fraqueza de Pedro”; razão por que aquele templo foi edificado no lugar onde São Pedro *chorou amargamente* a traição que fizera ao seu Mestre e a Quem jurara lealdade tantas vezes. (E quantos “pedros” de todas as estaturas na hierarquia não continuam negando fidelidade e obediência a Jesus Cristo após *voto solene* feito, espontaneamente, no dia da consagração episcopal e sacerdotal, e sem o necessário arrependimento?)

No *Monte de Sião* os visitantes viram o Túmulo de David, o Cenáculo e a Igreja “*da Dormição*”.

O *Cenáculo* é o local onde se realizou, na véspera da Paixão, a Instituição da S.S. Eucaristia, por ocasião da Última Ceia. Outrora existia ali artística Basílica, posteriormente depredada e destruída. Atualmente o local, que foi visitado por S.S. Paulo VI (e onde há placa comemorativa desse evento), pertence ao governo israelense. Ingressa-se na parte superior da Sala do Cenáculo, por uma das janelas antigas, hoje transformada em porta. O ambiente é austero, espaçoso, sob abóbadas e conta com diversas colunas resultantes ainda do templo das Cruzadas; entretanto o local se apresenta destituído de qualquer decoração relacionada com os extraordinários acontecimentos ali verificados: Instituição de S.S. Eucaristia e últimas recomendações aos Apóstolos e o “beijo de Judas”...

Igreja da “*Dormição*” é a denominação por que é conhecido o templo edificado no local da morte de Nossa Senhora, a Virgem Maria (se é que ela chegou a morrer mesmo!! ... Explicar-me-ei logo mais).

Sabe-se pela tradição que Maria Santíssima morreu nesse local, ou seja, no Monte Sião, e foi sepultada no Monte das Oliveiras (consoante referência feita na publicação anterior). Cabe-me esclarecer, nesta oportunidade, que, na Igreja Católica, a Tradição é também *Fonte-de-Fé*, poquanto os próprios Evangelhos, antes de serem escritos, tiveram seus informes colhidos na Tradição então existente entre os primeiros cristãos. Aliás — convém acentuar — Jesus Cristo não mandou, expressamente, que se escrevessem Evangelhos, mas determinou, claramente, que seus Discípulos pregassem, de viva-voz, a Boa-Nova. Assim, o ensino verbal da doutrina cristã é mais antigo do que o escrito nos livros do Novo Testamento.

POR QUE “DORMIÇÃO” E NÃO “MORTE”?

Por que o emprego da palavra “Dormição” (do latim: *dormitio*, sono)? (Esclareço que o conhecido “*Caldas Aulete*” *consigna o verbete* e esclarece: “Tempo que decorreu entre a morte de Nossa Senhora e sua

Assunção". Observa-se por essa manifestação que o dicionarista esteve bem informado a respeito do histórico referente à proclamação do Dogma da Assunção).

Por que não se falou diretamente em *morte* da Virgem Maria?

Simplemente porque não se sabe de que maneira Jesus Cristo quis levar sua Mãe para a glória celeste. Alguns teólogos entendem que não havendo a Virgem Imaculada cometido pecado algum (pois ficara isenta da própria "culpa original"), não merecia ser submetida à morte, que é a pena cominada aos pecadores. Enquanto outros defendem a tese de que pertencendo Ela à estirpe humana deveria morrer também, pois o próprio Cristo morreu... (Se bem que Jesus Cristo acarretara sobre Si todas as culpas da humanidade... o que não aconteceu com sua Mãe...)

De qualquer maneira, a Igreja Católica sempre acreditou na Assunção de Maria desde os primeiros tempos da Patrística e de maneira ininterrupta. Entretanto, a crença somente se tornou efetiva após a definição do Dogma, por S.S. Pio XII (em 1º.11.1950), ao declarar, solenemente, que "MARIA, TERMINADO O CURSO DA VIDA TERRENA, FOI ELEVADA À GLÓRIA CELESTE EM CORPO E ALMA". (Constituição Apostólica — *Munificentissimus Deus*”).

Como se depreende do texto da definição dogmática, o Soberano Pontífice não desceu ao mérito dessa questão, isto é, não disse se Maria Santíssima havia falecido e depois ressuscitado, ou se apenas fora submetida a uma gloriosa transformação corporal, a fim de ser transportada em corpo e alma para o Céu.

Daí o emprego do neologismo "dormição" (uma espécie de morte-aparente) para aqueles que aceitam a tese de que a Mãe de Deus, no fim da vida, foi glorificada e elevada à Visão Beatífica.

DIVISÃO SETORIAL DA JERUSALÉM ANTIGA

O espaço físico compreendido entre as muralhas da velha Jerusalém está dividido em diversos setores, dentre os quais se destacam, pelas extraordinárias reminiscências que guardam, os setores seguintes: o Cristão, a oeste; o Armênio, ao sul; o Judeu, a sudeste; o Muçulmano, a leste.

O *Setor Judeu* não desperta interesse imediato para a finalidade a que nos propomos.

SETOR MUÇULMANO

O Setor Muçulmano, entretanto, contém diversos monumentos célebres, todos intimamente relacionados com a História do Cristianismo, a iniciar pela Igreja de Sant'Ana, onde nasceu a Virgem Maria e sobre a qual nos reportamos em crônica anterior.

As mesquitas de *El-Aken* (ou El-Aksa) e de *Omar* são monumentos de extraordinária beleza arquitetônica, nas quais somente se ingressa de pés descalços. Os sapatos são deixados do lado de fora, em local adrede reservado.

A MESQUITA DE OMAR, sólida construção em estilo ortogonal, é encimada por imensa cúpula dourada, sob a qual se encontra a famosa "*Rocha Sagrada*" dos muçulmanos. Sobre a mencionada "Rocha", diz a tradição judaico-cristã, ocorreu, nos tempos do Patriarca Abraão, o quase *sacrifício* de seu filho Isaac, sustado, no último instante, pela intervenção do Anjo do Senhor. Entretanto, para os muçulmanos, a Bíblia está errada, tendo sido "corrigida" pelo Profeta "Mahomé" (somente no século VII depois de Cristo), o qual passou a ensinar que o sacrifício de Abraão se realizara com Ismael (o filho da escrava, Agar, do qual Maomé pretendia descender, apesar da distância de mais de mil anos), e não com Isaac, que era filho de Sarah, esposa legítima.

Assim, de acordo com a doutrina do Corão (a bíblia muçulmana) o "*direito de primogenitura*" teria passado para os seguidores do "Profeta" Maomé, porque Ismael havia nascido primeiro do que Isaac, não lhes importando, absolutamente, dois fatos importantíssimos: 1º) tratar-se, no caso de Ismael, de uma *descendência bastarda*; 2º) *descendência* posteriormente, repudiada pelo próprio Abraão, quando expulsou de casa, tanto a mãe (Agar), como o filho (Ismael).

Como se depreende dessas circunstâncias, o "Profeta" Maomé necessitava, desesperadamente, desse "apoio" em Abraão para fundar a sua "crença"...

De acordo com a mesma crença, de cima daquela "Rocha Sagrada", o mesmo Maomé teria subido aos Céus... (Evidentemente, se os cristãos já veneravam outro lugar, de onde Jesus Cristo realizou sua Ascensão, havia necessidade de alguém conseguir também um local para a "ascensão" de Maomé. E nenhum melhor e nem mais adequado do que a famosa "Pedra Sagrada" da mesquita de Omar...)

Recuando mais na história, tumultuada daquele local do Monte Moriah, já consagrado pelo "Sacrifício" de Abraão, afirma-se que, inicialmente, ainda nos tempos de David e Salomão, foi ali construído um templo israelita, onde era guardada a Arca-da-Aliança com as Tábuas da Lei, o qual foi destruído por Nabucodonosor, rei de Babilônia, quando tomou o reino de Judá e conduziu os judeus para o exílio.

Posteriormente, quando o Cristianismo, emergido das "Catacumbas", recebeu foros de cidadania, naquele local, por iniciativa de Constantino Magno, foi construído um Templo Católico, o qual foi arrasado pelos persas. Reconstituído, alguns anos depois, pelos Cruzados, que lhe deram a estrutura e forma atual... o templo foi, após o efêmero Reino Cristão de Jerusalém, transformado em mesquita, havendo sido a Cruz da *cúpula dourada* substituída pelo "crescente" maometano.

De então até o presente momento, a mesquita de Omar (modificada sob a inspiração desse Califa) é um dos locais de maior destaque da crença islâmica.

Apresenta decoração interna sóbria, alguns cortinados, candelabros, o local onde o "imã" (sacerdote muçulmano) preside as orações coletivas, além dos ricos e autênticos tapetes persas (daí por que somente se penetra na mesquita com os pés descalços).

Na própria trama que urde os tapetes estão determinados os locais exatos onde cada fiel muçulmano deve colocar os *joelhos* e a *fronte*, quando eles realizam os rítmicos movimentos de elevação e de abaixamento da cabeça até o rés-do-chão, em gestos repetidos de mais profunda compunção.

A BASÍLICA DO "ECCE HOMO" e a CAPELA DA CONDENAÇÃO, próximas à Igreja de Sant'Ana, encontram-se também no setor muçulmano, ambas na Via Dolorosa, percorrida pelo Salvador, do Getsêmani ao Calvário.

Recorde-se que, na noite da Paixão, Herodes remeteu Jesus a Pilatos, que possuía seu "Pretório" instalado na "Torre Antônia", hoje desaparecida. Nas proximidades encontra-se a Capela da Flagelação, em cuja parede externa lê-se esta inscrição latina: "*locus in quo Pilatus apprehendit Jesus et Flagelavit Eum*" (Local no qual Pilatos prendeu Jesus e o flagelou).

A Basílica do "Ecce Homo" recorda o local onde Cristo, com a coroa de espinhos e o manto de púrpura nos ombros, foi apresentado à turba, por Pilatos, com a conhecida expressão: "Eis o Homem".

O SETOR JUDAICO

O "MURO DAS LAMENTAÇÕES" é o local mais característico do setor judeu, porquanto, de acordo com as pesquisas históricas e arqueológicas, é o único marco que resta da antiga glória israelita dos áureos tempos do rei Salomão. Construído por este soberano, destruído diversas vezes e reconstituído outras tantas, é certo, porém, que o Muro não mantém seu estado originário, entretanto foi reconstruído com o mesmo material primitivo, com o emprego de pedras colossais. De qualquer maneira, é o santuário tradicional dos hebreus aonde comparecem diariamente, para chorar a destruição do primitivo Templo e a de Jerusalém.

Ao pé do extenso e elevado Muro, assistimos, no dia 4 de outubro de 1982, a um cerimonial judaico, (ininteligível para nós) presidido por alguns rabinos, que envergavam seus hábitos talares. Dentre aquela massa humana emergia um som cavo, indefinível como *lamento*, ou como *canto* monótono, à semelhança do "canto gregoriano". No setor masculino (as mulheres se reúnem à direita do imenso pátio, separadamente) vimos homens, com lágrimas nos olhos, munidos de ramos de plantas e de flores, osculando a velha muralha e se inclinando diante da mesma, como se cumprissem um cerimonial.

Aquele episódio nos impressionou (a mim e a turma de observadores) de maneira profunda...

No setor judaico encontram-se outros monumentos de destaque, porém sem maior relacionamento com o objetivo a que nos propomos.

O SETOR ARMÊNIO não foi por nós visitado pelas mesmas razões de não haver no mesmo maior interesse para nossa programação de caráter específico.

O SETOR CRISTÃO

Evidentemente, dentre todos os setores, entre os quais se divide a Antiga Cidade de Jerusalém (circunscrita pelas muralhas), o Setor Cristão é aquele que possui maior importância, porque no mesmo, além da Basílica do Santo Sepulcro, encontram-se: a Igreja de São Salvador, a Igreja do Redentor, a de São João Batista e grande trecho da Via Dolorosa, formando o maior conjunto de edificações das mais veneráveis, todas relacionadas com a História da Salvação.

Dentre esses locais, particularmente sagrados para os cristãos, nossa turma percorreu a Via Dolorosa e visitou o Santo Sepulcro.

A VIA DOLOROSA tem início no local outrora ocupado pela "Fortaleza Antônio (onde Pilatos instalou o "Pretório"), e cujo *piso de pedra* ainda hoje apresenta restos do antigo "*Litostrothos*", oriundo da época romana. Jesus Cristo encontrava-se sobre aquele piso rupestre, quando se viu preterido em favor de Barrabás, após o que foi "condenado à morte de cruz", que era o mais infamante dentre os suplícios.

Em outra oportunidade, já fiz referência especial à Igreja da Flagelação e à do "Ecce Homo". No interior da Igreja da Flagelação destacam-se os seguintes detalhes: a cúpula é tomada por uma grande *coroa de espinhos*, dourada e cercada por estrelas. Dos três imensos vitrais: o da parede de fundo mostra Jesus flagelado entre duas colunas; o da esquerda, Pilatos LAVANDO AS MÃOS; e o da direita, o "triunfo" de Barrabás, após a "preferência" do povo.

Nós (a nossa turma excursionista) percorremos, com grande curiosidade para uns e compreensível emoção para outros, as 14 estações (ou "Passos") da Via Dolorosa, dos quais os 6 (seis) últimos se encontram dentro da própria Basílica do Santo Sepulcro.

A Via Dolorosa se faz através de vielas bastante estreitas (e às vezes com aclives acentuados) na Cidade Antiga, sendo-nos apontadas as diversas Estações (ou "Passos") com as devidas indicações numéricas nas paredes da rua, de permeio a casas comerciais e residenciais.

Informou-nos o "guia" local que aquelas ruas estreitas ficam regorgitando de pessoas vindas dos locais mais distantes da terra, por ocasião da solene Via-Sacra, ocorrida em todas as Sextas-feiras Santas de cada ano. Cada rito se faz representar na comemoração litúrgica.

Confesso que, inicialmente, fiquei chocado com o aspecto rústico que caracteriza a Via Dolorosa, levando-se em consideração o quanto ela significa para a História da Salvação. Entretanto, após o *impacto*, e refletindo melhor, concluí que os homens do Sinédrio Judaico teriam de escolher, evidentemente, uma ruela qualquer, das mais secundárias da cidade, para conduzir ao suplício um "condenado" como Jesus que fora considerado mais "perigoso" do que o facínora Barrabás.

A BASÍLICA DO SANTO SEPULCRO, desde o século IV (época de Constantino Magno) encerra a elevação rochosa do Calvário, o Sepulcro propriamente dito, além de outros detalhes e locais de igual importância para as pessoas que os visitam com espírito de fé.

O CALVARIO se localiza à direita de quem entra, galgando-se a modesta colina por meio de duas escadarias. Na espaçosa Capela construída no cimo do Calvário, encontram-se erectos altares que refletem o estilo oriental (grego ortodoxo) e o latino (ocidental). O altar de fundo rememora N. S. Jesus Cristo cravado na Cruz. O altar lateral sua S.S. Mãe aos pés da Cruz.

Um detalhe relevante a recordar: ao pé do Altar da Crucificação está assinalado o orifício (de, aproximadamente, dez centímetros de diâmetro) onde, segundo a tradição, foi introduzida a base da Cruz de Cristo.

O local onde foi depositado o Corpo inerte do Salvador, logo após sua descida da Cruz, encontra-se próximo desse Altar, quase ao rés-de-piso, mas sob a proteção de uma vidraça de cristal em forma de dossal ou campana. É um *rochedo* de cerca de dois metros de comprimento, por um metro de largura, recoberto pela referida campana, em toda a sua extensão.

Ainda no Altar da Crucificação (ao lado do mesmo) abriu-se, no revestimento, uma "janela" que deixa ver e tocar a *rocha viva* do Calvário. Na mesma rocha observa-se pronunciada *fenda* causada pelo *tremor-de-terra*, que remonta aos acontecimentos extraordinários verificados no momento da morte de Jesus, consoante relata o Evangelhista: "Eis então que o véu do Templo rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra abalou-se. As rochas partiram-se. O Centurião e os que com ele montavam guarda a Jesus, ao verem o terremoto e tudo o que sucedia, tiveram pavor muito grande e diziam: "*Verdadeiramente este era o Filho de Deus*".

O SANTO SEPULCRO reflete a estrutura de um túmulo romano, porquanto, como se sabe através dos Evangelhos, o local foi cedido por Nicodemos para a inumação do Corpo de Jesus Cristo. Recorde-se, também, que os túmulos pertencentes a pessoa da classe mais abastada se compunham de duas câmaras: uma interior, onde repousava o cadáver e outra externa, com a entrada fechada por uma laje, geralmente arredondada, para facilitar a remoção. A de Nicodemos, cedida a Jesus, possui essas características.

O aspecto exterior do Tabernáculo do Santo Sepulcro é de uma beleza sóbria, mas impressionante pela própria majestade do ambiente. Candela-

broso gigantesco e lampadário, em estilo russo-ortodoxo, ornaram o suntuoso e austero Tabernáculo, que antecede ao ingresso nas duas Câmaras. Ambas são bastante estreitas, permitindo a entrada de peregrinos, postados em “fila-indiana”, em razão do reduzido espaço interno, especialmente na segunda câmara, onde se encontra o Sepulcro de Jesus, circundado por uma Capelinha de mármore. Cumpre salientar que a própria Rocha Tumular está coberta de mármore, evidentemente, por motivos que não nos compete discutir. Ressalte-se que no interior dessa artística Capelinha encontram-se três quadros murais representando a Ressurreição de Jesus Cristo: no estilo grego, ao centro; no estilo armênio, à direita; e no latino, à esquerda. No momento em que ali ingressamos, encontrava-se na segunda Câmara, um sacerdote envergando trajes do rito ortodoxo, como se estivesse a supervisionar a visita dos peregrinos. Ao lado direito da Basílica (mas dentro dela) assinala-se o local, na época indicado como o de “jardim”, onde Nosso Senhor apareceu a Santa Madalena, após a Ressurreição. Infelizmente, dada a falta de tempo, não nos foi possível visitar a “Cripta de Santa Helena”, local compreendido por antiga cisterna, onde foram atiradas as cruzes — (inclusive a de Cristo) desenterradas e identificadas — segundo reza a Tradição — pela mãe de Constantino Magno. Essa cripta encontra-se próximo à entrada da Basílica do Santo Sepulcro.

CONCLUSÃO

Aqui dou por encerrado o relato — tão pormenorizado, quanto me foi possível fazê-lo — do que vi nessa peregrinação aos Lugares Santos dos Cristãos. É possível que haja falhas involuntárias, em razão da rapidez com que são realizadas essas viagens-em-grupo, programadas e com roteiros rígidos, porquanto, em Israel, nos demoramos apenas sete dias, tendo pela frente variedade imensa de locais e de detalhes para visitar.

A região sempre foi uma das mais tumultuadas da História Humana, desde as épocas em que aparecia como traço-de-ligação entre as antigas civilizações mesopotâmicas, assírias, egípcias e sumerianas.

Graças a esse “atavismo histórico” (não me recorde quem o considerou como tal), aqueles lugares, assinalados pelos maravilhosos acontecimentos ligados à Vida do Filho de Deus, têm uma história por demais dramática, repleta de realizações e de defecções, cheia de marchas e de contramarchas e conta com diversas, alternadas ou sucessivas destruições e reconstruções através dos tempos.

Até mesmo, refletir-se-iam sobre aqueles locais santificados pela presença de Jesus Cristo, os próprios acontecimentos verificados na Igreja Católica, com seus avanços e recuos; com suas conquistas no campo da doutrina e da Pastoral, e seus percalços e quedas, por ocasião dos cismas e apostasias; desde a Igreja dos Apóstolos e dos Mártires, passando pela

Igreja dos Tempos Bárbaros, das Catedrais e das Cruzadas, do Renascimento e da "Reforma", até a Igreja dos Tempos Modernos e Contemporâneos.

Acima das ruínas resultantes das destruições promovidas pelos Assírios e Babilônios, pelos Persas, pelos Gregos, Romanos, Turcos e Árabes, paira o ascendrado espírito-de-fé dos Cristãos, que têm procurado manter de pé, e através das mais adversas vicissitudes, aqueles monumentos-símbolos do que há de mais respeitável e de mais sagrado para o Mistério que envolve a Realidade do Verbo Encarnado.